

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: NO. AM. Geral

Data: 11.02.74

Pg.: 03

Território pode beneficiar tribos do Alto Rio Negro

Manaus (Edilson Martins enviado especial) — A criação de um território federal indígena na região do Alto Rio Negro, no Amazonas, onde vive uma expressiva população silvícola, constitui uma iniciativa pioneira no mundo inteiro, ao mesmo tempo que coloca o Brasil na vanguarda dos países em que se promove realmente o respeito e a integridade das minorias raciais.

Anunciada pela Funai como em fase de estudos, a criação desse território, previsto no Estatuto do Índio, está provocando discussões entre antropólogos, etnólogos e sertanistas de toda Amazônia. Muitos não escondem algumas preocupações pela validade da iniciativa. No Alto Rio Negro vive uma população de 10 mil habitantes, sendo que cerca de 4 mil são índios.

O cuidado

A antropóloga Adélia Engrácia, que atualmente trabalha no Museu Emílio Goeldi, em Belém, observa que a criação de um território federal indígena "é uma medida muito interessante, mas é preciso não esquecer as peculiaridades de cada tribo. Por exemplo, não se pode esquecer que uma tribo, em seu universo global, dispõe de uma determinada língua, costumes específicos e outros aspectos".

Alguns sertanistas que atuam na região do Alto Rio Negro dizem que o índio dessa área, já contatado, desde há muito realiza uma profunda interação com os ribeirinhos, seringueiros e caboclos locais. O antropólogo Eduardo Galvão, responsável pelo Departamento de Antropologia do Museu Goeldi, registra, num estudo sobre a aculturação indígena no rio Negro, que "o Português é pouco falado na região".

— Além dos vários dialetos indígenas — prossegue — principalmente de procedência aruaque (baniwa) ou tukana (betoya), domina como língua dos caboclos e de índios o *geral*, uma forma adaptada das falas tupis-guaranis, gramatizada pelos missionários e difundida por estes e pelos colonos nos primeiros tempos da ocupação portuguesa.

Comum em toda a Amazônia, o *geral* foi gradualmente substituído pelo Português, permanecendo até o presente apenas em áreas isoladas como a do rio Negro.

O domínio

O que se indaga, na criação de um território federal indígena, é como se distribuirá o domínio hoje existente junto às dezenas de tribos da região. Convivem na área missões religiosas católicas e protestantes, ambas disputando a alma e a força de trabalho dos silvícolas.

Numa região de mão-de-obra escassa, praticamente inexistente, a

força de trabalho do índio, ingênuo e sem malícia, é paga de forma desonesta.

Os sertanistas da Funai contam que regatões, empreiteiros, seringueiros e até seringalistas não têm o menor constrangimento de semi-escravidar o índio. O professor Eduardo Galvão em seu trabalho de campo pôde apurar que "regatões e empreiteiros periodicamente demandam o alto dos rios para aliciar índios, facilitando-lhes crédito e fornecimento a troco de trabalho nos seringais e castanhais. Presos por estes débitos, muitos índios se deixam ficar ou são obrigados a viver longas temporadas junto aos sítios e povoações."

Os índios Caiabís, na década de 50, não fosse a intervenção do pajé Prepori, ainda hoje vivo, teriam desaparecido como unidade tribal, exterminados por seringueiros, regatões e seringalistas. Viviam às margens do Teles Pires, na região amazônica, quando conheceram os irmãos Vilas Boas. Os sertanistas explicaram a Prepori que se eles permanecessem na região se tornariam semi-escravos nas mãos de civilizados inescrupulosos. O grande chefe Caiabi, numa expedição memorável, convenceu todo o seu povo a se mudar para o Parque do Xingu.

A ação

Quem conhece a região não ignora que as missões religiosas interferem ostensivamente nos costumes e culturas de todas as tribos da área. As missões salesianas — católicas — separam os homens das mulheres na aldeia, introduzem práticas cristãs, e não é raro encontrar índio como sacristãos. Os missões protestantes — muitas — (Novas Tribos do Brasil, Summer Institute of Linguistics, Evangelização Mundial) são mais hábeis, não interferem muito nos costumes, são menos moralistas, mas não abrem mão do ensino da Bíblia.

A antropóloga Adélia Engrácia chega mesmo a informar que os índios da região preferem as missões protestantes, certamente por serem mais liberais. A antropóloga, por outro lado, não deixa de registrar que tudo isso é uma intromissão indêbita.

A criação de um território federal indígena vai certamente ter que levar em conta toda essa situação existente. São muitas as tribos e o processo de aculturação sofrido é muito profundo. O sertanista Cláudio Vilas Boas, chefe do Posto Diauarum, no Parque do Xingu, lembra que não se está querendo que o índio sirva de obstáculo ao que se convencionou chamar de dinâmica desenvolvimentista.

— O que queremos é que se dê tempo a ele de adquirir armas e conhecimentos, com os quais possa defender melhor sua comunidade, no contato inexorável que um dia terão as duas sociedades — diz o sertanista.